

Pipa

Amabilin Strombeck*

RESUMO:

A crônica cruza memórias de infância com as imagens de um cotidiano presente transpassado pelo cenário de declínio trazido pela pandemia, tecendo, a partir desse choque entre dois tempos, ressignificações que mantém viva a tentativa de construir novos caminhos, de construir um futuro, um mundo porvir, apesar de qualquer pesar.

5º lugar no concurso “Mostra sua Arte”, com o tema “Cultura e Memória”, em 2021, realizado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Começo esse texto enquanto esboço, em desenho, uma pipa, decerto como espécie de autopunição por não ter fotografado a dita cuja no ensejo de seu surgimento. No quadrante superior esquerdo de um caderno sem pauta, em página amarelada de papel pólen, figuram meus rabiscos - de ângulos duvidosos, onde representações de fios se confundem com representações de varetas e onde a tal da rabiola mais parece uma escama de peixe -, que tentam se parecer com algo que se pareça com uma pipa. Pipa. Mais divertido é o designativo que empregamos lá onde cresci: papagaio. Quando era pequenina, de dicção atrapalhada, costumava dizer ao meu pai, nos dias de inverno: “pai, tô com ‘fio’”, ao que ele sempre me respondia: “Fio? Vou soltar você que nem papagaio”. Eu ria. Ele também. Acho que por isso mantive o jargão mesmo depois de já articular muito bem o som do erre. Ríamos, enquanto me imaginava dando piruetas no ar presa a um fio orquestrado por meu pai. Seja pipa, seja papagaio, as memórias que me vem à tona são sempre alegres: a pipa cor-de-rosa (que voava mais que papagaio) que meu pai me ajudou a arquitetar; os tempos de férias; a criançada na rua; os presentes que eu ganhava do universo quando alguma pipa cortada pelos guris caía no quintal de casa (“posso entrar para pegar a pipa que caiu aí?” “Caiu nada aqui, não”, dizia eu, já



com o tesouro muito bem escondido); o vento morno do interior; os passos solitários e cuidadosos em cima do telhado...

Mas saltamos no tempo. Entro no carro que me levaria ao centro da cidade exatamente às 16 horas e 09 minutos. Essa é a última imagem que vejo e, a partir de então, imagem alguma acontece e eu sou Vronsky, na varanda dos Karenin, olhando para o relógio sem ver as horas. Por muito tempo não saía de casa e havia (há!) medo em estar no mundo. Transposições desconfiáveis. O horizonte, denso, pesava. “Posso roubar uma balinha, moço?” “À vontade!”. Só depois, rememorando, graças ao papelzinho da balinha encontrado no bolso, lembro-me que isso aconteceu. A balinha era de laranja e eu nem gosto muito de balinhas. Comi a balinha na mesma condição que vi o trajeto, que olhei repetidas vezes para o relógio, que avisei que cheguei: sem me dar muita conta. Minha predisposição para encontrar alguém, abrir espaços para laços, é quase sempre minúscula, ainda quando considero que a tentativa poderia valer a pena (a minha, a do outro). Decidi arriscar, mas veja bem: o horizonte era de trânsito, decesso.

Algo nos esmagava (esmagá!). Poder organizar o pessimismo parecia transpor todos os limites do otimismo: ingenuidade. Olhei pela janela a viagem toda, mas não sei se eram poucos ou muitos os automóveis nas marginais. Ermo enquadrado (não sei se visto de dentro, ou de fora). Ao fim do percurso, o medo, ou medos, de diferentes naturezas, me punham à exaustão. *Pathos*: impasse ou moção? Desço do carro, em vertigem, e paro em frente ao portão do prédio: ninguém. Não estranho porque não me apercebo, nem dos movimentos, nem da ausência, nem do tempo. Mas dou as costas ao prédio e volto os olhos para o alto. Levante! Lá está, rasgando o céu sem nuvens – que agora vejo! –, apesar de estar no epicentro da metrópole, abrigo para a frota, apesar do entorno ser todo composto por edifícios, apesar da quase inexistência de figuras humanas transitando por ali - quem dirá das crianças que vem requerer papagaio perdido -, apesar do horizonte de morte, apesar de tudo: a pipa. Vermelha, ela arde no azul celeste, desestabilizando sua imobilidade, impondo-se aos olhos: me toca. Como quem desafia a destruição anunciada, sobe, desce, gira, desenha rastros ao léu: dança no espaço a passante por excelência. Emerge, consigo, minhas memórias e emendo, como quem, pacientemente, prende num nó na linha mais um fiapo de plástico para fazer crescer a rabiola, uma nova beleza,



uma nova imagem de pensamento à velha forma angulosa tão familiar. Aparição que desvia meu desbrío para o lugar da atenção: há cores, há texturas, há espera. Moção!: corto a cidade como a pipa corta o céu, por medo e apesar do medo: desejo. Penso em fotografar a pipa, arrancar uma lasquinha do instante, mas ele me transpassa com tanta leveza e gracejo que minha posição é continuar ali, como estamos: permito-me deixar a imagem acontecer sem cortar o fio que me prende a ela. Algum arrependimento veio, é claro. A punição está há algumas páginas para trás. Mas veja bem: a imagem existe e persiste também porque a fotografia não foi feita (será?). Reduzida a pixels, talvez já tivesse sido perdida. E se persistisse, talvez tivesse guardado mais do horizonte em queda do que do alento em centelha. Mas dar ocasião ao lampejo que interpela é assentir à existência da imagem que, agora, também para você existe: a pipa vermelha, que dança apesar de tudo. Sobrevivência! Puxada pelo barulho de abertura da grande porta do saguão, olho para trás. Os segundos que se seguem trazem um abraço que também é dança, ou vontade de dançar. Penso que toda vez que abrimos uma fenda para que alguém some em nossa vivência temos de estar dispostos a perder: algo que tínhamos por concreto se vai. Permitir é desviar, é aquiescer ao abalo. É como os átomos de Lucrecio, que declinam perpetuamente, mas quando um deles, vagamente, se desvia de sua trajetória, um universo surge. Num abraço, a colisão. Nos dias, meses, que vieram, vi meus pilares desfalecidos em escombros: certezas tão bem lapidadas mais frágeis do que papel de seda. Ruínas. Movo-me, num privilégio infindo e desesperador de poder reorganizar meus destroços: potência. Desfaço-me dos braços que me rodeiam e olho para o céu, uma vez mais, antes de entrar. A pipa já não está lá. Desapareceu, talvez, para aparecer a outros olhos: intermitência.

Nunca contei a ele sobre a pipa – ora! Quem liga para uma pipa? – até a noite anterior do dia em que sua aparição completaria um ano. “Tinha uma pipa vermelha”. “Quê?” “Uma pipa.” “Pipa?” “É. Enquanto eu te esperava. Tinha uma pipa. Vermelha. Rodopiava por cima do prédio que fica em frente ao teu. Devia ter fotografado para te fazer ver.” “Hum”. Dormimos. No dia seguinte, dividindo a mesma mesa, nos separamos para habitar nossos pequenos universos (morredijos). Já estava um tanto cansada quando ele acendeu um cigarro e abriu a porta da varanda. “Uma pipa!” Num susto, atentei-me, puxada pelo grito. “O quê?” “Uma pipa! Vermelha!



Vem ver!” Lá estava, entre mais prédios do que céu, apunhalando o horizonte, brincando com a nossa cara, numa coreografia atrapalhada, urgente, vital, dando mais um nó na rabiola de minha memória, a pipa: inestimável. “Te amo”, ele me diz - ressurgência! Volto para minha pilha de afazeres e olho para o relógio... não preciso dizer que horas são.

Termino esse escrito numa espécie de compensação: não fotografei a tal da pipa, mas nem por isso não a pus no mundo - ou tentei -, em matéria, bem visível - ou quase -, a mim, a ele e a você - se quiser deixar-se vê-la. Quando, então, ela (de novo) ressurgir, que fulgure: queimando-nos.

